

Vozes d'África e as incertezas fabricadas: uma releitura do conto “Entrada no céu”

Edwilson da Silva Andrade¹



o conto “Entrada no céu” de Mia Couto, é uma das vinte nove missangas que formam o livro “Fio das Missangas”. Em outras palavras, é um dos vinte nove contos que formam essa belíssima obra. A narrativa de “Entrada no céu” está em primeira pessoa e tem como tema principal à vida do povo moçambicano. Através de uma linguagem extremamente rica em neologismos, ressalta a intensidade das mazelas sofridas, das inquietudes vividas pelo povo africano e, retrata o processo da colonização portuguesa, na qual a religiosidade sempre esteve presente, marcado pelo imaginário de que o Céu é o lugar reservado aos santos. Os colonizadores assim cristianizaram e civilizaram os povos, deixando claro o seu propósito: colonizar a terra.

De tal modo, os conceitos de céu e inferno foram sendo propagados com a catequização, com base na noção bíblica de luz e trevas, em cuja analogia, os colonizadores no encontro com o “outro” (índios e negros) “perceberam a branquitude como uma representação de identidade e ponto de referência para legitimar a distinção e a superioridade, assegurando assim sua posição de privilégio” (ROSSATO; GESSER, 2001, p. 13). Desse modo, os portugueses por serem mais claros (brancos) se dominaram “Luz” (representantes de Deus), enquanto, os africanos (negros) foram dominados “Trevas”.

Ao contrário do que muitos pensam, a religiosidade moçambicana tem como princípios à crença do bem e do mal, alma e corpo, espírito e matéria. Na realidade, tanto a crença do colonizador como a do colonizado, se entrecruzam e fundamenta-se na vida real da dualidade do bem e do mal.

Na tentativa de elucidar como se dão os entrelaçamentos culturais, o presente trabalho tem o intuito de analisar o conto mencionado, o qual conta à estória de um homem negro que se encontra na fronteira entre o sagrado e o profano; a esperança e a incerteza; a vida e a morte; o amor e a dor, num verdadeiro processo de encontro e estranhamento.

¹ Especialista em Educação e Relações Etnicorraciais - CEFET/RJ e Diretor do Centro Educacional Pingo Gente, RJ

Ponto de partida

Nada é repetível, tudo é repetente? Era o que eu perguntava na catequese. E mais buscava, em clareza:

- A vida, Santo e Deus, tem segunda via?

O Padre Bento não queria nem escutar: só a dúvida, em si, já era desobediência. [...] E Bento avisava: não se entra no Céu de qualquer maneira. Aquilo lá, nos portões celestiais, requer devida licença. E mais eu perguntava: quem executa essa triagem, à entrada do paraíso? Um encartado porteiro? Um tribunal com seus veneráveis julgadores? (COUTO, 2009)

Com efeito, o texto literário pode ser lido como uma multiplicidade de discursos que se entrecruzam, no entanto, consideramos imprescindível observarmos que o trecho anteriormente citado é a abertura do conto em estudo o qual inicia-se com questionamentos, fruto das incertezas que foram sendo fabricadas ao longo do tempo. Conforme explica o sociólogo alemão Ulrick Beck (2006, p. 5) “Não há nada certo além da incerteza”.

Nesse jogo de dúvidas e insegurança, o discurso elucidado pelo padre Bento, mais fabricava e intensificava as incertezas, colocando esse pobre homem (narrador²) cada vez mais no limite entre o verdadeiro e o falso. Na verdade essas incertezas fabricadas são procedimentos de controle e “funcionam como sistemas de exclusão; concernem, sem dúvida, à parte do discurso que põe em jogo o poder e o desejo” (FOUCAULT, 2009, p. 21).

Os questionamentos feitos pelo sujeito/narrador da estória, ressaltam o desejo de entrar no céu, de se tornar um santo, de amar e ser amado, como sinal de reconhecimento e valorização de sua existência. Mas também sinalizam, que para ser aceito era preciso silenciar suas origens, crenças e valores, adaptando-se aos novos padrões impostos pelos colonizadores.

O colonialismo, de caso pensado ou por força do seu sistema interno, despersonaliza o colonizado, deprime-o, destrói-lhe a imagem que ele forma do seu universo singular, coisifica-o e não lhe permite que ele se torne sujeito de história. Cria-lhe o complexo de inferioridade em relação à sua cultura, deforma-o, aniquila-o como cidadão africano. (FERREIRA, 1980, p. 29)

Um sinal dessa aniquilação como cidadão africano, pode ser percebido durante a narrativa, na qual em nenhum momento foi mencionado o seu nome, sendo esse um vestígio de sua marginalização. As únicas referências que temos de sua identidade estão explicitamente descritas nas seguintes frases: “Os **pretos** como eu, salvo sou, apanham licença?”; “Eu era o único **não-branco** nas redondezas”.

² Quando o narrador faz parte da história, sendo uma das personagens, dizemos que se trata de um narrador em primeira pessoa, pois sempre vai falar a partir de seu ponto de vista.

A diferença impressa nesse mesmo corpo pela cor da pele e pelos demais sinais diacríticos serviu como mais um argumento para justificar a colonização e encobrir intencionalidades econômicas e políticas. Foi a comparação dos sinais do corpo negro (como o nariz, a boca, a cor da pele e o tipo de cabelo) com os do branco europeu e colonizador que, naquele contexto, serviu de argumento para a formulação de um padrão de beleza e de fealdade que nos persegue até os dias atuais. (GOMES, 2002, p. 42)

Segundo Foucault (2009, p.10): “Existe em nossa sociedade outro princípio de exclusão: não mais a interdição, mas uma separação e uma rejeição”. Através de um discurso, aparentemente ortodoxo e verdadeiro, o afastamento gera uma incerteza, ou seja, uma angústia, mal estar. A ligação entre medo e religião é algo de um passado longínquo. Conforme explicita Jean Delumeau (2006, p. 27): “(...) já que toda religião induz uma moral e, portanto, a ameaça de sanções, neste mundo ou no outro, contra os contraventores”, as expressões mal compreendidas: “muitos os chamados e poucos os escolhidos”; “fora da igreja não há salvação” geram um desejo de apropriação do outro e conseqüentemente a sua aniquilação.

Na narrativa que se segue, podemos perceber que as incertezas fabricadas no imaginário desse homem agitaram a sua subjetividade.

Passaram anos, persistiram enganos. E ainda por esclarecer me resta o assunto. É por isso que regresso ao senhor para que me escute, nem que seja em religioso fingimento. Se faça-me o favor, senhor padre, me diga: cuja essa entrada no Paraíso é à moda da raça, ou das cláusulas de sermos um zé-alguém? Os pretos como eu, salvo sou, apanham licença? Ou Precisam pagar umas facilidades, encomendar um abre-boca nalgum mandante? (COUTO, 2009)

Essa angústia, aniquilamento, mal estar, seria a condição que a civilização impõe ao indivíduo. Esses seriam os sacrifícios que o possibilitariam a vida. No entanto, passaram anos e a dúvida permanecia. Quebrado o pacto social de civilidade, dado à marginalização do personagem, o mundo dele se abre ao esgotamento e por isso ele vai ter com o padre Bento, a fim de esclarecer suas dúvidas. Ele queria ser ouvido pelo menos uma vez em sua vida, mesmo que fosse em religioso fingimento.

(...) a pessoa pode sair directamente da aldeia para o Céu? Assim, sem passar devidamente pela capital, nem estar documentado com guia de marcha, averbada e carimbada nas instâncias? (COUTO, 2009)

A dúvida do sujeito/narrador tem fundamento, pois se durante os anos de 1952 a 1986, havia leis na África do Sul e em outros países da África, a qual estabelecia que a locomoção de pessoa negra estava condicionada à necessidade de um “passe”, ou seja, um documento de identificação que a autorizava a ir e vir. E se no céu não se entra de qualquer maneira como afirma o padre Bento, alguma documentação era precisa para se entrar no céu. Os seus questionamentos a respeito da entrada no Paraíso deixam transparecer os dissabores da vida. As perguntas desse pobre homem revelam um

sentimento de inferioridade e impossibilidade de entrar no céu devido à cor da sua pele e de sua situação social.

“Assim, foi possível reconhecer um desejo de mutação do próprio corpo, um sentimento de recusa ao seu grupo étnico e o desejo de pertencer ao grupo branco, indicando um sentimento de vergonha de ser do jeito que se é – negro”. (CAVALLEIRO, 2003, p. 65)

Essa estória representa apenas um detalhe do nosso cotidiano. Ao mencionarmos o que diz Eliane Cavalleiro, o fizemos com o intuito de demonstrar a dor de ser negro, pois as incertezas fabricadas geram muitas vezes a consciência das limitações do seu conhecimento, o que se transforma numa frustração e conseqüentemente, faz o aceitar a sua limitação, confrontando-se com o “Eu” concreto/histórico. Em outras palavras, os desejos reprimidos e não satisfeitos: desejos esses que foram sendo fabricados criam sofrimentos (auto-sofrimento, sofrimento projetado) que colocam em dúvida a sua identidade.

Preciso ser um outro
para ser eu mesmo

Sou grão de rocha
Sou o vento que a desgasta

Sou pólen sem insecto

Sou areia sustentando
o sexo das árvores

Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro

No mundo que combato morro
no mundo por que luto nasço

(Mia Couto, Poema Identidade, 1983)

O desejo de entrar no céu e encontrar o paraíso, destaca a insatisfação de viver e a vergonha com relação a si próprio, pois ser negro numa sociedade cujos princípios ideológicos percebem o negro como trevas, um ser sem luz. Desperta a vontade de se tornarem outras pessoas. E quando o mesmo se volta para seu próprio corpo, enquanto sujeito histórico/social, encontra marcas daquilo que o torna inferior ao colonizador.

(...) veja: eu não falo inglês. Mesmo em português, eu só rabisco fora da cartilha. Já estou a ver lá o letreiro, ao jeito dos filmes: welcome to para-dise! E não mais saberei ler. Bem poderão me conceder a palavra. É como dar um alto-falante a um mudo. (COUTO, 2009)

Em outras palavras, o protagonista da estória afirma que ele não conhece outras culturas, que sabe muito mal o português e demonstra uma certa

preocupação em relação ao concederem a palavra lá no paraíso, pois ele não saberia o que falar, já que sua voz sempre foi silenciada, inclusive na catequese. Dessa forma, podemos afirmar que a dor de ser negro se dá a partir do momento em que o sujeito percebe o sentimento aristocratizante conferido à pele, à raça branca, pois o branco é bom, santo, bonito, religioso...

Enquanto ao negro é conferida a dor, o desprezo, a maldade, o sofrimento, como podemos perceber em “Cárcere das almas” de Cruz e Souza:

Ah! Toda a alma num cárcere anda presa,
Soluçando nas trevas, entre as grades
Do calabouço olhando imensidades,
Mares, estrelas, tardes, natureza.

Tudo se veste de uma igual grandeza
Quando a alma entre grilhões as liberdades
Sonha e, sonhando, as imortalidades
Rasga no etéreo o Espaço da Pureza.

Ó almas presas, mudas e fechadas
Nas prisões colossais e abandonadas,
Da Dor no calabouço, atroz, funéreo!

Nesses silêncios solitários, graves,
que chaveiro do Céu possui as chaves
para abrir-vos as portas do Mistério?!

(Cruz e Sousa, Cárcere das Almas, 1993)

Não há como deixar de notar, na leitura desse belo soneto de Cruz e Sousa, a dor humana sofrida por alguém que conhece a dor do desprezo, do silêncio, do confinamento ao sofrimento, o qual só alcançará o sublime, a pureza, atravessando a vida e encontrando as chaves celestiais que possam desvendar o mistério da vida e da morte.

Tanto o soneto de Cruz e Souza como o conto de Mia Couto deixam transparecer que o céu é o lugar de esperança. O novo céu e a nova terra que nos fala a Bíblia Sagrada é lugar de novidade de vida, “E Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas³”.

Minha esperança é que aconteça como no baile do Ferroviário. Faz tanto tempo que aconteceu que, para lembrar, devo ir além da memória. O baile era o do fim do ano. O Padre bem sabe: o ano não é como o sol que nasce para todos. O ano acaba só para uns e começa cada vez para menos pessoas. (COUTO, 2009)

Em meio à dor e o desespero, o desejo daquele homem é que a “Entrada no céu” fosse da mesma forma como no baile, o qual foi confundido com um

³ Livro de Apocalipse, capítulo 21 versículo 4. (Bíblia Sagrada)

empregado do bar e o deixaram entrar. Como não tinha certeza de que o deixariam entrar na festa, mas foi impulsionado pela paixão que tinha pela mulata Margarida, assim também não tinha certeza de sua entrada no céu, mas a paixão pela vida, por uma nova vida era maior que a certeza de ser excluído.

A exclusão sofrida por ele sempre esteve atrelada a sua origem racial, nitidamente pode-se perceber a sua surpresa ao não ser excluído da festa, na seguinte frase: “Eu era o único não-branco nas redondezas. Meu espanto: o porteiro não pareceu surpreso. Apoiou a mão no meu ombro e disse: - Entra, rapaz”. O próprio sujeito/narrador na frase seguinte afirma: “Confundi-me, por certeza, com um empregado de bar. Quem sabe, agora, o porteiro do Céu me confunda também e me deixe entrar, na crença que irei prestar serviço nos lugares da criadagem?”.

A agressão sofrida pelo sujeito/narrador em seu cotidiano aponta o preconceito, como o fator responsável por toda violência sofrida, “(...) são inúmeras as dificuldades derivadas da cor da pele. O preconceito cria impedimentos para o exercício da cidadania. Assim, diante da sua existência, cada um vai vivendo da melhor forma possível” (CAVALLEIRO, 2003, p. 84).

E a forma encontrada por aquele homem estava na morte. “Porque o que acontece, caro Excelentíssimo Padre, é que eu estou morrendo, escoado em sangue, por vontade do meu desviver”.

Vê este punhal? Não foi com ele que me golpeei. Há muito que pego na faca não pelo cabo, mas pela navalha. De tanto segurar em lâmina, minhas mãos já cortam sozinhas. Eu dispensei instrumento para decepar. Aliás, o senhor conhece esta minha deficiência, estes dedos que não me obedecem, esta minha mão que não é minha, como se ela concedesse gesto apenas à minha alma já morta. Se me matei, desta vez, foi por acutilância de meus dedos. Não fique assim, não se desabe. Recorda-se do que eu lhe pedia, padre?

- Quero ser santo, senhor padre.

E o senhor se ria. Que santo não podia. E porquê? Porque santo, dizia o senhor, é uma pessoa boa.

- E eu não sou bom?

- Mas o santo é uma pessoa especial, mais único que ninguém.

- E eu, Padre, sou especialmente único.

Que eu não entendia: um santo é uma pessoa que abdica da Vida. No meu caso, Padre, a Vida é que tinha abdicado de mim. Sim, agora entendo: os santos são santificados pela morte. Enquanto eu, eu é que santifiquei a vida. (COUTO, 2009)

Diálogo que já traz recordações de momentos tristemente vividos por ele, leva nos a refletir sobre o seu desejo de ser santo e assim habitar nas mansões celestiais ao lado de Cristo, da qual é imitador. Apesar de ter conseguido entrar no salão do Ferroviário, o seu espírito se entristeceu, ao perceber que além do sofrimento causado pelo preconceito, a consciência de que: “Entre no salão do Ferroviário, sim. Mas fiquei fora do coração da mulata Margarida. A moça nem

deu deferimento de me olhar à distância, fria e ausente. Branca entre os brancos”.

Num paralelo com o soneto “Vida Obscura” de Cruz e Souza, um pouco mais sobre o sofrimento do ser humano, sobretudo o do negro, pode ser percebido nos versos que se seguem, levando em consideração o desespero, a morte como libertação do espírito e a vida material como restrição.

Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro,
Ó ser humilde entre os humildes seres.
Embriagado, tonto dos prazeres,
O mundo para ti foi negro e duro.

Atravessaste no silêncio escuro
A vida presa a trágicos deveres
E chegaste ao saber de altos saberes
Tornando-te mais simples e mais puro.

Ninguém te viu o sentimento inquieto,
Magoado, oculto e aterrador, secreto,
Que o coração te apunhalou no mundo.

Mas eu, que sempre te segui os passos,
Sei que cruz infernal prendeu-te os braços,
E o teu suspiro como foi profundo!

(Cruz e Sousa, Vida Obscura, 1993)

Nos versos desse poema como também no conto entrada no céu, encontramos vestígios de uma violência simbólica, cuja ação acontece por coação através de símbolos que expressam: constrangimentos; ameaças; exploração de fatos e situações; negação de informações; cultura do medo e da humilhação. A dor expressa no poema “Vida Obscura” e no fragmento a seguir do conto “Entrada no céu”, esconde um sentimento estranho – de traição – a qual envolve a deslealdade do Padre que nunca respondeu aos seus questionamentos e, o silenciamento de Margarida em relação a sua origem racial.

Foi quando ela deixou cair um copo, que se estilhaçou no chão. E eu, para lhe diminuir a atrapalhão, logo me inclinei e recolhi os cacos, reunindo-os na minha mão. Foi quando o segurança da festa, chamado pelos doutores, me agarrou no braço e me forçou a levantar. O homem me puxou Pelas mãos e me apertou com tais vigores que os vidros cortaram fundo. Foi aí que decepei a carne, os nervos, os tendões. E escorreu sangue de um preto, como doença manchando o imaculado território dos brancos. [...]

O que mais me fez sofrer, caro Padre, não foi o golpe. Não foi também o vexame. Foi Margarida ver-me ser expulso sem levantar protesto. Sofri tanto com essa desatenção dela, que a minha alma imitou o vidro: tombada aos despedaços. Quando me expulsaram já eu nem me sentia, despedido para sempre de mim. (COUTO, 2009)

A atitude da mulata Margarida, quem sabe, foi o modo que ela encontrou para evidenciar sua aceitação, silenciando assim suas origens. Dentre as ficções que exemplificam bem essa realidade achamos em *O mulato* de Aluísio de Azevedo, na qual um mulato como Raimundo “pode ascender socialmente desde que suas origens estejam silenciadas e sua conduta seja dissimulada, adaptando-se aos padrões do bom comportamento” (CARRIZO, 2005, p. 272). O que o deixou mais indignado não foi o fato de não ter o amor, atenção e carinho da Margarida, mas vê-lo ser expulso e não tomar nenhuma atitude.

Nesse mesmo estado de dor e de marginalização, enfim, em ritmo delirante, violento e comovente é que as palavras de Daniel Mudurunku, afirmam que há duas categorias de brasileiros autênticos: os que foram trazidos à força e os que foram tirados à força.

(...) os indígenas e os indigentes. Os primeiros, por serem os primeiros habitantes desta terra-mãe e terem construído aqui uma autonomia social, política e espiritual que não pode nem deve ser negada; e os segundos, por serem (ainda) tratados como escravos. Só que desta vez não têm mais suas mães, mulheres e filhas violentadas, e sim seus direitos. Pior, são violentadas pelo mesmo Estado que diz protegê-los. [...]

Os 230 povos indígenas resistem heroicamente aos desmandos da política indigenista dos governos – e resistiremos até o último pôr do sol – por força de seu amor verdadeiro pela terra, que não é amor especulativo (quem especula não ama), mas um amor operante, de defesa, de harmonia, de sintonia.

Os indigentes resistem porque fizeram dessa terra sua única pátria (uma vez que a maioria absoluta não tem condição de viajar para conhecer outras culturas, como fazem os especuladores), e por ela serão capazes de morrer – e **só se morre por aquilo que se ama**. (MUDURUNKU, 2006, p. 24-25 (GRIFOS NOSSOS))

As incertezas fabricadas, a dor de ser negro, a esperança e a tristeza, o colocaram na fronteira entre o sagrado e o profano; a espera e a dúvida; a vida e a morte; o amor e a dor, num verdadeiro processo de encontro e estranhamento. E, é assim que termina o diálogo entre o sujeito/narrador e o padre Bento.

Agora que pouco me resta, meu peito já não escuta senão a música desse baile onde a mulata Margarida me aguarda, braços estendidos a dar razão ao meu adiado viver. Estou entrando no salão de dança e, desculpe o contradito desrespeitoso, já não tenho força de mais falar. Só o desfazer dessa sua certeza: a vida, sim, tem segunda via. Se o amor, arrependido de não ter amado, assim o quiser. (COUTO, 2009)

Término da viagem

Assim termina esse belíssimo conto, na qual o narrador encontra resposta a um dos seus questionamentos. A vida sim tem segunda via! O caminho, o acesso a essa nova vida, perpassa pelo reconhecimento e valorização da identidade histórica e cultural, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das diferentes raízes que formam uma nação. O nosso intuito com esse estudo era compreender os sentidos que produz o objeto simbólico, nesse caso o conto “*Entrada no céu*”, e, não descobrir uma verdade oculta no texto.

Através da releitura do conto, surgem possibilidades de ouvirmos as vozes d’ África que durante muitos anos foram silenciadas. Levando em consideração o que diz Orlandi:

(...) o espaço de leitura escolar exclui da sua consideração o fato de que o aluno convive em seu cotidiano com diferentes formas de linguagem.

A relação do aluno com o universo simbólico não se dá apenas por uma via – a verbal -, ele opera com todas as formas de linguagem na sua relação com o mundo. Se considerarmos a linguagem não apenas como transmissão de informação mas como mediadora (transformadora) entre o homem e sua realidade natural e social, a leitura deve ser considerada no seu aspecto mais conseqüente, que não é o de mera decodificação, mas o da compreensão. (ORLANDI, 1993, p. 38).

Conscientes dessas idéias,

(...) nós, educadores, devemos ter bem definidos os nossos compromissos sociais com muita objetividade, pois implantar ações que realmente façam com que as desigualdades etnicorraciais sejam discutidas e não dissimuladas significa assumir um ato de comprometimento com a sociedade. (ANDRADE, 2009, p.2)

Segundo Gadotti (2003 p.48) “Aprender não é acumular conhecimentos. Aprendemos história não para acumular conhecimentos, datas, informações, mas para saber como os seres humanos fizeram a história para fazermos história”.

“Embora os professores precisem possuir informação, sua função principal não é transmiti-la, mas propiciar ferramentas e espaço adequado (lúdico) onde seja possível a construção do conhecimento” (FERNÁNDEZ, 2001, p. 31).

Dessa forma, o presente trabalho é apenas uma forma de promovermos oportunidades de diálogo das diferentes culturas em que se conheçam os verdadeiros sentidos da expressão africanidades, o qual nos reporta ao modo de ser, de viver, de organizar suas lutas. A releitura dos contos de Mia Couto, são na verdade uma proposta de (re)construção do imaginário social.

Embora, “Ainda persiste em nosso país um imaginário étnico-racial que privilegia a brancura e valoriza principalmente as raízes europeias da sua cultura, ignorando ou pouco valorizando as outras, que são a indígena, a africana, a asiática” (Diretrizes Curriculares Nacionais, 2004, p. 14).

Desse modo, podemos inferir que: “É preciso que o professor competente e valorizado encontre o prazer de ensinar para que possibilite o nascimento do prazer de aprender” (WEISS, 2007, p. 18).

Enfim, a releitura desse conto aponta nos caminhos que antes não ousaríamos percorrer. Caminhos que nos parecem retos, tranquilos em direção a um porto seguro. Porém, o porto é lugar de partidas, que leva nos a se lançar em outras viagens... A entrada no céu seria uma viagem em direção ao reconhecimento, a valorização, ao fortalecimento em busca da libertação da dor, do sofrimento, do silenciamento.

Hoje o ponto de partida dessa viagem em busca de reparação é o cumprimento da Lei 10.639/03, a qual estabelece a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira e Africana serão ministrados em especial nas áreas de Educação Artística, de Literatura e História.

Por este motivo, a literatura africana configura-se num eficaz instrumento de ação pedagógica para, através do prazer estético da leitura do conto, analisarmos a sociedade, seus posicionamentos ideológicos e as situações históricas que se constroem em seu interior, tentando apontar os objetos simbólicos e as suas significações, denunciando a miséria e discriminações, demonstrando como as civilizações africanas contribuíram decisivamente para o desenvolvimento da humanidade, valorizando assim, a memória histórica desse povo.

Referências bibliográficas

ANDRADE, E. S. *Um herói, uma história, uma canção: O discurso poético e os processos de significação em "O Mestre-Sala dos Mares", de João Bosco e Aldir Blanc*. In: Revista Eletrônica Cadernos da Fael, v. 5. 2009. Disponível em: www.unig.br/cadernosdafael

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

BRASIL, *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. CNE/CP 3/2004. Brasília, MEC/SEPPIR, 2004.

BELCK, U. Incertezas fabricadas. Entrevista. In: IHU ON LINE – Revista do Instituto Humanista Unisinos, 181 ed. Maio de 2006, p. 5-12. Disponível em: www.unisinos.br/ihu Acessado em: 08/02/2010.

CARRIZO, Silvina. *Mestiçagem*. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora/Niterói: Ed. UFJF/EdUFF, 2005, p. 261-288.

CAVALLEIRO, E. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

COUTO, M. *O fio das missangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COUTO, M. *Raiz de orvalho*. 1ª ed. Maputo: Cadernos Tempo, 1983.

CRUZ E SOUSA. *Poesia Completa*, org. de Zahidé Muzart, Fundação Catarinense de Cultura / Fundação Banco do Brasil, 1993.

DELUMEAU, J. Uma história do medo. Entrevista. In: IHU ON LINE – Revista do Instituto Humanista Unisinos, 181 ed. Maio de 2006, p. 25-28. Disponível em: www.unisinos.br/ihu Acessado em: 08/02/2010.

FERNANDEZ, A. *O Saber em Jogo: A Psicopedagogia propiciando autorias de pensamento*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

FERREIRA, M. Dependência e individualidade nas literaturas africanas de língua portuguesa. In: *Cadernos do terceiro mundo*. Ano III, nº 22, 1980, p. 29-56.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 18 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

GADOTTI, M. *A boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido*. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

GOMES, N. L. *Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?* In: *Revista Brasileira de Educação*, nº 21, set/nov, 2002, p. 40-51.

MUNDURUKU, D. *Indígenas e Indigentes*. Raiz: Revista da Editora Cultura em ação. São Paulo, p. 24-25, fevereiro de 2006. ISSN 1808-9488.

ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. 2 ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

ROSSATO, C; GESSER, V. A experiência da branquitude diante de conflitos raciais: estudos de realidades brasileiras e estadunidenses. In: CAVALLEIRO,



Revista África e Africanidades - Ano 3 - n. 10, agosto, 2010 - ISSN 1983-2354
www.africaeaficanidades.com.br

E. (Org.) Racismo e anti-racismo na educação: repensasndo nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001, p. 11-38.

WEISS, M. L. L. *Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.